

A RESPONSABILIDADE EXISTENCIAL ENQUANTO FUNDAMENTO ÉTICO NA OBRA “O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO” DE JEAN-PAUL SARTRE

Luiz Cláudio de Carvalho Júnior¹

RESUMO: Embora nunca tenha escrito uma obra específica sobre o assunto, Jean-Paul Sartre é geralmente tido como um filósofo da moral, justo pela conferência “O existencialismo é um humanismo”², por onde propôs uma apologética de sua filosofia em decorrência das objeções que foram travadas em sua época. Objeções que têm como plano de fundo toda a problemática que envolve a conduta humana perante a ausência de pressupostos *a priori* que validem um percurso pelo qual o homem deve trilhar em sua instância moral. Com isto, Sartre faz uma profunda reflexão acerca da liberdade, desde sua condição de existência até seus efeitos diretos sobre a vida do indivíduo, atribuindo à liberdade um valor primordial no percurso da elaboração de soluções para seus dilemas éticos, onde coloca o homem sob posse total de sua existência, sendo responsável por tudo o que produzir com ela, cujo valor ético, portanto, consiste na própria liberdade, o que caracteriza uma ética da responsabilidade.

Palavras chave: Existencialismo. Ética. Liberdade.

ABSTRACT: Although he has never written a specific work on the subject, Jean-Paul Sartre is generally regarded as a philosopher of morality, just by the conference "Existentialism is a Humanism," where he proposed an apologetic of his philosophy as a result of the objections that were pursued in his time. Objections that have as background the whole problematic that involves the human conduct before the absence of *a priori* presuppositions that validate a route for which the man must tread in its moral instance. With this, Sartre makes a profound reflection on freedom, from its condition of existence to its direct effects on the life of the individual, assigning to freedom a primordial value in the course of elaborating solutions to its ethical dilemmas, where it puts the man in possession totality of its existence, being responsible for all that it produces with it, whose ethical value, therefore, consists in freedom itself, which characterizes an ethics of responsibility.

Key words: Existentialism. Ethic. Freedom.

A NECESSIDADE DE UMA APOLOGÉTICA EXISTENCIALISTA

Antes de qualquer coisa é necessário estar diante da seguinte afirmação: “*Eu gostaria, aqui, de defender o existencialismo de algumas acusações que lhe têm sido dirigidas*” (SARTRE, 2014). Esta ousada e, até certo ponto, controversa afirmação de Sartre logo no primeiro momento de sua conferência é o ponto chave pelo qual este trabalho defende a ideia de que a obra *O Existencialismo é um Humanismo* dissolve-se na tentativa de se estabelecer uma apologética, ou seja, uma defesa da filosofia proposta. Um tanto controversa, pois, uma filosofia cujo fundamento primordial se funda na liberdade

¹ Graduado em Filosofia – Bacharelado pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Graduando em Direito – Bacharelado Universidade Brasileira (UNIBRA). Email: luiz.acdfile@gmail.com

² Por vezes o termo “O Existencialismo é um Humanismo” é abreviado por EH.

do sujeito de atuar e inferir o mundo conforme sua existência concreta, oferece margem para o entendimento de que Sartre se encontra em caminhos tortuosos, colocando em cheque a credibilidade de sua própria doutrina. Contudo, não se deve ignorar o contexto em que o existencialismo está inserido, diante dos dilemas de sua época e os desdobramentos propostos em decorrência de tais doutrinas.

Sendo assim, o existencialismo surge na tentativa de compreender o homem por meio de seu modo de ser na existência. Portanto, leva-se em consideração não apenas sua individualidade, mas levam-se também as mais variadas condições no enfrentamento de uma vida ordinária cujo impacto reflete em sua condição social. Esta corrente de pensamento, sobretudo com o desenvolvimento do existencialismo de Sartre, disseminou-se como uma filosofia da proeminência da existência sobre a essência, enaltecendo a preocupação com a liberdade humana e, por consequência, a responsabilidade inerente a esta proposta. Vale salientar que diante dos pressupostos básicos pelo qual é admitido que a existência seja exercida através de escolhas individuais, imputado pela liberdade do sujeito em seu cotidiano, dá vazão à possibilidade de interpretar o existencialismo como uma filosofia de “permissividade desmedida” (ALVES e PESSOA, 2013). O que também gerou grandes controvérsias acerca de uma suposta individualidade exagerada, que negligencia a dimensão social da ação do homem. Problema este que é veementemente tocado pelos marxistas e cristãos da época em que se tem ascensão do existencialismo de Sartre.

O problema da individualidade desmedida é o grande parâmetro de reflexão que envolve os críticos do existencialismo. Pois, “ainda que o homem exprimisse alguma responsabilidade em sua ação, isto é, mesmo que ele atue como construtor de sua vida, nesse construir, é como se ele considerasse apenas a preocupação consigo mesmo e deixasse de lado a ação social” (ALVES e PESSOA, 2013, p.48). Nesse sentido, entende-se que, para o homem “condenado a ser livre” resta apenas à ênfase em sua ação pro a individualidade em detrimento da coletividade. Portanto, a filosofia de Sartre, para seus críticos previstos em sua conferência, ora, os cristãos e os comunistas, dissolveu-se na mera concepção de um pensamento pessimista e sombrio perante a vida, além de se tornar uma filosofia contemplativa de configuração burguesa, descompromissada com os movimentos sociais.

É importante salientar que no contexto do momento em que o existencialismo ganha força na Europa, o continente estava diante do infortúnio da segunda Guerra

Mundial e, pela necessidade da superação deste cataclismo, as noções antropológicas existencialistas não agradavam os intelectuais da época que almejavam por uma nova concepção de homem com base na exigência histórica. O próprio Sartre acreditava que boa parte das objeções à sua filosofia não se fundavam num critério filosófico de suas ideias, antes eram meras objeções morais e utilitárias. “Sartre se transformara igualmente, na mente de muitas pessoas, no anti-humanista por excelência: ele teria desmoralizado os franceses no momento em que a França, em ruínas, tinha mais necessidade de esperança” (ELKAÏM-SARTRE, 2014, p. 12).

Diante desses embaraços tangentes a sua filosofia, Sartre sente a necessidade de responder as objeções expostas, na tentativa de desmistificar os abusos interpretativos de sua doutrina e esclarecer a obscuridade de seu pensamento que, levado a cabo por sua principal obra “O ser e o nada”, causou grandes incompreensões em sua época, permitindo posicionamentos precoces, sem as demais considerações do existencialismo proposto. É no dia 29 de outubro de 1945 que, conforme relato de sua filha Arlette Elkaïm-Sartre (2014), a pedido do Club Maintenant, local de animação literária e intelectual em Paris, Sartre realiza a conferência que ficou conhecida como *O existencialismo é humanismo*, na tentativa de estabelecer os devidos esclarecimentos aos problemas envolvidos à tese existencialista.

De um lado os comunistas, de outro, os cristãos, ambos convencidos do fracasso intelectual do existencialismo. Porém, é dos comunistas que Sartre almeja uma reaproximação, pois, com a expansão do existencialismo, proporcionalmente a hostilidade se abrandou e os laços, que outrora foram fortalecidos entre Sartre e os comunistas, foram se enfraquecendo. Estes claramente rejeitavam as ideias existencialistas e o pilar da liberdade que acarretava numa ideia de liberdade de opinião, se submetendo assim ao “jogo da reação” (ELKAÏM-SARTRE, 2014, p. 14), além de acusarem de abandonar a doutrina da determinação do homem pelo econômico, o que o acarretou numa taxação de anti-marxista. Portanto, é diante desse cenário que Sartre sente a necessidade de promover sua apologética, na tentativa de desmistificar as falsas interpretações e acusações levantadas contra o existencialismo, sobretudo às críticas dos comunistas e dos cristãos, na qual são as mais acentuadas, porém, as mais controversas.

AS CRÍTICAS DOS MARXISTAS

Logo de início à exposição geral do livro Sartre nos mostra que o elo mais forte da crítica dos marxistas se funda na ideia de que o existencialismo não passava de uma expressão burguesa que não levava em conta os genuínos problemas e divergências da sociedade capitalista e opressora. Neste sentido, os marxistas acusam o pensamento sartreano de colocar o homem em um estado de quietismo desesperançado, pois, é de natureza ideológica que, quando o objetivo fosse justiça social, *“recursos como guerra e a tomada de poder seriam lícitos [...] mais ainda, segundo essa compreensão, a luta, a ação imediata é propriamente o que aponta ao desejo de mudança social e, assim, tudo o que se mostre o contrário ou preso a abstrações estaria se desligando, fugindo desse compromisso* (ALVES e PESSOA, p. 49, 2013). Com isto, o existencialismo é reduzido a uma simples filosofia contemplativa que, ao invés de agir em prol da mudança e progressismo da realidade social, se limitou apenas a interpretar o mundo.

Primeiramente, acusaram-no de estimular as pessoas a permanecerem em certo quietismo desesperançado uma vez que, sendo as soluções inacessíveis, dever-se-ia considerar que a ação neste mundo é totalmente impossível, e de levar as pessoas a uma filosofia contemplativa, algo que, sendo a contemplação um luxo, nos conduziria a uma filosofia burguesa (SARTRE, 2014, p.19).

Outra crítica forte impelida pelos comunistas se funda na ideia de que o existencialismo traria à tona apenas o lado ignóbil da vida, fazendo assim com que abandonasse as coisas belas da vida humana:

Por outro lado, acusaram-nos de acentuar a ignomínia humana, de expor aos quatro ventos o sórdido, o suspeito, o viscoso, e de negligenciar certas coisas belas [...] nos acusam de faltar para com a solidariedade humana (SARTRE, 2014, p.19).

Outra crítica exercida se funda pelo ponto de partida existencialista que tem como pressuposto o *cogito* cartesiano, pois, o homem em sua condição de *“subjetividade pura”* vive isolado nessa condição, incapaz de agir com solidariedade com outros homens que existem fora do sujeito, por não conceber nada exposto ao cogito. O que está posto aqui é a impossibilidade do homem reconhecer o que está em sua volta (os dilemas, angustias do outro) quando o ponto de partida para compreensão da existência humana é o próprio homem.

A CRÍTICA DOS CRISTÃOS

É inerente a própria ótica cristã o entendimento de que Deus é o criador e, portanto, o projetor do mundo e do homem. O homem criado por Deus é um ser projetado, que tem uma essência pré-determinada pela concepção divina. Para Sartre, foi assim que perdurou a filosofia durante sua tradição, na qual concebia o homem com uma essência que precede e condiciona toda sua ação no mundo.

Esta ideia pode ser encontrada praticamente em todo lugar: encontramos-la em Diderot, em Voltaire e até mesmo Kant. O homem seria possuidor de uma natureza humana; esta natureza humana, que é o conceito humano, se encontraria em todos os homens, o que significa que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal (SARTRE, 2014, p. 24).

Anulada essa perspectiva na filosofia existencialista, ou seja, de que Deus existe e nos fez de acordo com sua vontade abarcando seu *telos*, resta-nos apenas a estrita gratuidade, distante da responsabilidade consigo e com o outro, podendo assim o homem fazer o que bem entender, conforme vos apetece. Vejamos:

E, na ótica cristã, somos acusados de negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, pois, se suprimimos os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, não resta mais que a estrita gratuidade, podendo cada um fazer o que bem quiser [...] (SARTRE, 2014, p. 20).

Para os intelectuais cristãos, essa concepção nos leva a conceber o existencialismo num grau de relação com a perversidade humana. Tendo em vista que, de acordo com essa compreensão de liberdade em Sartre, o existencialismo se confunde com uma espécie de libertinagem, pois, não havendo um Deus para estabelecer os parâmetros da moral eterna, não haveria a hipótese de justificar qualquer responsabilidade.

A LIBERDADE

Ciente de que é impossível trazer à tona os conceitos que definem o que é a liberdade e o que é o homem, tendo em vista que os definindo comete-se o perigo de limitar ambos, nos resta apenas fazer uma análise das condutas livres do homem, pois, apenas assim é permitido chegar um pouco mais próximo daquilo que Sartre entende quando nos coloca diante de tal paradoxo: “o homem é condenado a ser livre”.

O homem é jogado no mundo tal como é, ou seja, ele não escolhe em qual país vai nascer, em qual cidade, se será pobre ou rico, loiro ou ruivo, alto ou baixo etc. Todavia, lançado neste mundo o homem é induzido a fazer-se, pois, “não conta (com) valores objetivos, com mandatos de leis, com modelos nem guias porque o que ele ser é configurado a partir da liberdade” (BUENO, 2007 apud MATEO, 1975, p. 31). Portanto, é justo assumir o paradoxo de que o homem é condenado a ser livre. Diante de tal constatação, se torna demasiadamente oportuno manifestar a valia da afirmação pelo qual é alegado que “o homem é livre neste mundo”. Isto é, a importância de conceber sua existência de forma concreta, pois, alguém mal intencionado poderia interpretar esta liberdade de maneira a acusar Sartre de cometer equívocos em sua análise antropológica, alegando, por exemplo, que o homem é incapaz de ser livre o suficiente para deixar de ser homem, contrariando suas determinações biológicas, geográficas, sociais etc. Ora, o homem que é totalmente livre seria capaz de impugnar suas determinações físicas de tempo e espaço, suas determinações biológicas, de ser um mamífero, por exemplo? Por mais ingênuo que seja um tipo de afirmação deste gênero, faz-se necessário aqui estabelecer os limites desta liberdade para evitar o equívoco de uma interpretação abusiva. Inclusive, é por este fato que um paradoxo é assumido, o homem é condenado a ser livre tal como é. Contudo, é por meio desta liberdade, da ação das escolhas do indivíduo concreto que o homem se projeta no mundo, ou seja, toma posse de sua liberdade e faz-se na sua existência concreta, em seu constante “vir-a-ser”, de acordo com suas escolhas originárias:

O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada existe de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que tiver projetado ser. Não o que vai querer ser. Pois o que entendemos ordinariamente por querer é uma decisão consciente que, para maior parte de nós, é posterior ao que fizemos efetivamente de nós mesmos. Posso querer aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isto é apenas uma manifestação de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo que se chama vontade (SARTRE, p. 26, 2014).

Ao constatar que o homem se faz em meio ao “projeto existencial”, justo pelo fato de que a existência precede a essência e que não há fundamentos *a priori* pelo qual o homem possa reclinar, nos colocamos, então, diante do primeiro decurso do existencialismo acerca da liberdade: a responsabilidade total por sua existência. Ora, o homem toma posse de sua escolha, de seu projeto e é o grande vector de seu destino, assumindo o dever de sua vida.

O que há de peculiar neste tipo de perspectiva, no caso do existencialismo, é que a própria liberdade toma posse do horizonte ético em sua teoria filosófica. O que permite aduzir da liberdade pura, que é fonte de críticas dos comunistas e cristãos, o inerente aparato que dá respaldo para composição de uma ética existencialista. Essa perspectiva vale-se da ocorrência que Sartre promove quando estabelece que o homem, ao assumir total controle e responsabilidade de sua existência, não tem responsabilidade apenas com a sua individualidade, antes, carrega em si a responsabilidade pelo o outro. Sucede-se, portanto, que, ao escolher por si, o homem encarrega toda a humanidade nessa escolha. Para Sartre, o homem se criando está fadado a criar simultaneamente uma imagem de homem conforme julga que deva ser. Justifica isto alegando que, ao fazer escolha por algo, seja qual for, o homem está atribuindo um valor a esse, pois, o homem sempre escolhe o bem, sendo impossível escolher o mal, pois, “nada pode ser bom para nós sem ser para todos”.

Com efeito, não existe um de nossos atos sequer que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem conforme julgamos que ele deva ser. Fazer a escolha por isto ou aquilo equivale a afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos. (SARTRE, p. 27, 2014).

Como fruto desta reflexão, Sartre traz a tona um conceito fundamental para toda história do existencialismo: a **angústia**. Que relação há, entre liberdade e angústia? Bom, Sartre mostra que o homem ao se dá conta que, ao se escolher, engaja toda a humanidade, não consegue fugir do sentimento de sua total responsabilidade. O poder de escolher gera responsabilidade, portanto, gera angústia, sendo que a liberdade é nossa condição de existência, acarretando que a angústia se faz presente em todos os contextos da vida humana, pois, em todo o momento o indivíduo está cercado de escolhas, a não ser que essa angústia seja mascarada:

[...] No entanto, sou obrigado, a cada instante, a realizar ações exemplares. Tudo acontece para cada homem como se a humanidade inteira estivesse sempre com os olhos para o que ele faz para agir de maneira semelhante. E cada um deve se perguntar: sou eu mesmo o homem que tem o eito de agir de forma tal que a humanidade se oriente por meus atos? E se ele não se colocar esta questão, é porque está mascarando a angustia. (SARTRE, p. 30, 2014).

Portanto, para o pensador, a liberdade é a condição humana, aliás, dizer que o homem é livre é sinônimo de dizer que “o homem é liberdade” (SARTRE, p. 33, 2014), a própria liberdade. Esta liberdade que tem como inerência o fundamento básico suficiente para análise de uma suposta ética desenvolvida por Sartre no EH, para promover sua apologética diante das críticas recebidas.

A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE

O que resta, portanto, ao homem que não tem uma moral predefinida pela qual se deva guiar em seu dever no mundo enquanto sociedade? Os cristãos de sua época provavelmente alegariam sem hesitar que resta a mera gratuidade, os comunistas, talvez, que faltaria engajamento à responsabilidade humana segundo seu dever com as ações sociais. Todavia, o que Sartre enfatiza em decorrência disto é que resta apenas a liberdade criadora do homem. Sartre estabelece uma espécie de relação entre a moral e a estética, trazendo à tona a constatação de que os procedimentos estéticos numa obra de arte se assemelham aos procedimentos humanos em sua conduta ordinária da qual emerge uma moralidade. Pois, não existem valores estéticos *a priori* que condicione o modo de ser da arte do artista.

[...] alguém iria censurar um artista que, ao pintar um quadro, não tivesse seguido regras estabelecidas *a priori*? Ou alguém iria lhe dizer que quadro ele deveria pintar? É evidente que não há um quadro definido a ser feito; que o artista se engaja na composição de um quadro, e que o quadro a ser feito é exatamente aquele que ele pintar (SARTRE, 2014, p. 52).

Com isso, Sartre enfatiza que todo valor estético é *a posteriori*, ou seja, primeiro se tem acesso à obra criada, e depois se é atribuído um valor. Pois, ninguém pode dizer como será a pintura de amanhã; só se pode julgar um quadro depois que ele está feito. Assim funciona também com a moral, pois, o homem não tendo como consultar valores morais universais, torna-se incapaz de se estabelecer qualquer juízo *a priori* acerca das condutas gerais. A grande relevância enfatizada por Sartre na relação que há entre a estética e a moral se funda na ideia de que em ambas as situações sobressaem-se a capacidade humana de criar, ou seja, criar uma obra de arte e criar suas leis de condutas morais. Os artistas criam suas identidades estéticas, suas regras, seus métodos e procedimentos, sejam ao pintar; ao tocar, no caso do músico; ao esculpir, no caso do escultor etc.; e é nisso que

consiste ser artista. Assim também é a moral, pois, na antropologia sartreana, ser homem é ser liberdade e ser liberdade é ter a capacidade genuína de criar-se e, criando-se, o homem cria a todo instante sua moral. Mas aí se pode questionar: em que consistem, pois, os valores dessa moral? Os valores da moral sartreana se exercem na própria liberdade. A liberdade que é o fundamento sem fundamento e participa da contingência universal do homem:

[...] a minha liberdade é o único fundamento dos valores e nada, absolutamente nada me autoriza este ou aquele valor, esta ou aquela escala de valores. Enquanto ser, pelo qual os valores existem, sou injustificável. Minha liberdade se angustia de ser o fundamento sem fundamento dos valores (MELO, 2003, p. 76 apud SARTRE, 1983, p. 214).

Este argumento consiste em dizer que o homem é origem absoluta e o único fundamento dos valores morais, ou seja, o homem é fundamento de seu valor, pois, se o homem é liberdade e se a liberdade é fundamento dos valores, sua moral só existe em si mesmo. O homem, nesse caso, é a totalidade de todas as coisas no que tange a sua existência e, por conseguinte, a moralidade. Quando essa é liberdade maquiada, travestida em determinismo, o homem age de má-fé. Isso o permite, portanto, a possibilidade de se estabelecer juízos, ou seja, tem-se uma moral coerente e sensata quando o sujeito age de boa-fé, pois, não foge ou dissimula sua liberdade. Como foi visto também, Sartre mostra que, em meio a tudo isso, a nossa liberdade implica também na liberdade do outro, pois, a liberdade que almeja ela mesma, também almeja a liberdade do outro.

Ora, a necessidade do Outro pode não ser a validação suficiente para elaboração de uma ética sartreana, pois, é entendido que toda moralidade parte da subjetividade, ou seja, de dentro para fora. Entretanto, não é por existir o Outro que se é permitido pensar numa conduta moral? A existência do outro é crucial para o entendimento da responsabilidade humana, pois, é impossível que o homem pratique um autoconhecimento sem a existência do outro. O outro se coloca diante do indivíduo no próprio exercício da liberdade. E é por haver esse outro, que se coloca diante do sujeito, que o pensador traz adiante o conceito de intersubjetividade. E essa intersubjetividade consiste justamente na ideia de que o mundo é um mundo onde o homem se elege na mesma proporção que elege os outros.

Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto,

ademaís, o é para meu autoconhecimento. Nestas condições, a descoberta de meu íntimo revela-me, ao mesmo tempo, o outro como uma liberdade colocada diante de mim, que sempre pensa e quer a favor ou contra mim. Assim, descobrimos imediatamente um mundo que chamaremos de intersubjetividade, um mundo em que o homem decide o que ele é e o que os outros são (SARTRE, 2014, p. 47 – 48).

Sartre mostra que o homem é responsável pelos outros na medida em que é responsável por si, por seu projeto. Ao assumir o seu projeto, o homem toma posse de toda a humanidade, pois, é impossível que haja a possibilidade de engajar-se sem engajar todas as pessoas.

Mas se realmente a existência precede a essência o homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo o homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que ele é responsável estritamente por sua individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (SARTRE, 2014, p. 26).

A conduta existencialista implica em o sujeito questionar-se a todo instante acerca de sua responsabilidade com a humanidade, ou seja, “a pergunta que sempre deve ser feita é: ‘o que aconteceria se todos agissem do mesmo modo?’” (SARTRE, 2014, p. 29). E aqui se encontra o ponto chave para compreensão de como se torna possível uma conduta ética em relação aos outros, pois, toda a ação realizada por um sujeito cria um homem escolhido, desejado e eleito por ele, onde o homem cria uma imagem do homem. E, ao criar esta imagem, o indivíduo cria uma imagem de mundo a partir de suas escolhas, o que lhes faz responsável por sua individualidade e por toda a humanidade. Conforme foi visto, sabe-se que em toda tentativa de burlar essa responsabilidade, com qualquer gênero de desculpas, o homem se acomete em má-fé, pois, é impossível para o homem lidar com suas escolhas isento do inquietante sentimento de angústia. Com isso assimila-se que, o homem que age de má-fé por dissimular sua responsabilidade perante a humanidade, é alguém que não se encontra adequado com sua consciência.

Mas, na verdade, a pergunta seria: ‘O que aconteceria se todos agissem do mesmo modo?’ E não como escapar desse pensamento inquietante sem uma espécie de má-fé. Aquele que mente e se escusa dizendo nem todo mundo age assim é alguém que não está bem à vontade com sua consciência, pois, o fato de mentir implica um valor universal atribuído à mentira (SARTRE, 2014, p. 29).

O que implica disto é o fato de que para Sartre todo o homem é responsável, pois, ser livre é sinônimo de ser responsável. Há, portanto, uma tríade de sinonímia (homem, liberdade e responsabilidade) que significa que ser homem implica necessariamente em ser livre, que por decorrência implica em ser responsável. Disto, emite-se por conclusão que é impossível que o homem sartreano não seja inteiramente responsável, pois, não ser responsável significaria afirmar que o homem não é livre:

Para Sartre, a responsabilidade é fruto da liberdade de cada homem, no entanto temos que nos perguntar: é possível ao homem sartreano não ser responsável? Não ser responsável seria o mesmo que não ser livre para Sartre e, portanto, viver ao modo dos animais, mas para nosso autor, ser homem, ser livre e ser responsável, podemos dizer que são as mesmas coisas (BUENO, 2007, p. 106).

Ser responsável origina a constatação de que o homem está constantemente comprometido com os valores que ele cria. E ele cria porque é o fundamento de todos os valores, o que acarreta em assumir que o homem é o fundamento central de toda a ética. E aqui, este trabalho defende que a essência da ética sartreana se dissolve na responsabilidade existencial: “Pode-se dizer que o eixo central que domina a ética sartreana é a responsabilidade do homem, que decorre do compromisso permanente que o homem tem de se fazer” (BUENO, 2007, p. 108 apud ALLES, p. 187). Isto porque a moral sartreana se funda na liberdade, pelo qual o projeto da existência humana responsabiliza inteiramente o homem pelo sentido que o desvela ao mundo e por tudo que faz e é. Deste modo, os valores éticos permeiam toda a teoria sartreana, entendendo que, para o filósofo, o homem se caracteriza pela liberdade que fundamenta toda possibilidade ética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho foi procurado exercer uma reflexão sobre a conduta e as dimensões fundamentais da existência humana, tendo como respaldo o objetivo de Sartre no EH. Assim, foi refletido sobre as objeções levantadas pelos críticos da época, sobretudo as críticas dos comunistas e dos cristãos acerca do existencialismo. Sabendo da dificuldade de se estabelecer um conhecimento preciso acerca da ética em Sartre, justo pelo fato que o autor não elaborou nenhuma obra específica sobre o tema, o trabalho

ofereceu uma análise sucinta dos elementos básicos para fundamentação da resposta sartreana diante dos questionamentos levantados sobre a suposta incógnita existencialista próxima a uma ética.

O conceito primordial que frutificou a análise deste trabalho e que permitiu uma resposta bem fundamentada acerca dos problemas levantados acima, foi a liberdade, por qual se almejou escarpelar o conceito para demonstrar como Sartre entendia que era possível se pensar numa humanidade moralizada perante os novos paradigmas ontológicos propostos por este existencialismo. Com isso, foi necessário exprimir a visão antropológica de Sartre, para fornecer os elementos básicos constitucionais do homem. Ser condenado a ser livre quer dizer nada mais, nada menos, que o homem tem total responsabilidade sobre sua existência. Um homem totalmente livre, que não recebe determinações *a priori* de uma consciência divina ou de determinações metafísicas, tem como recaído às suas costas todo o ônus da responsabilidade de ter que escolher sua moral sem que tenha que recorrer a elementos “pré-destinativos” para respaldar sua existência. Conclui-se, portanto, que ser homem implica em ser livre e, que, por consequência, implica em ser responsável. Não é possível um homem ser livre sem ser responsável. Essa sinonímia fundamental permite que entendamos a responsabilidade enquanto fundamento da ética em Sartre.

REFERÊNCIAS

ALVES, Élida Karla; **PESSOA**, Maria Vera Lúcia. Considerações sobre algumas críticas ao existencialismo de Sartre. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano VI, n. 2, p. 47 – 56, jul.-dez. 2013.

BUENO, Isaque José. Liberdade e Ética em Jean-Paul Sartre. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2007.

ELKAÏM - SARTRE, Arlette. Situação da conferência. In: O Existencialismo é um humanismo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MELO, Nélvio Vieira de. A escolha de si como escolha do outro: Liberdade e alteridade em Sartre. Recife: INSAF, 2003.

PEREIRA, José Alan da Silva. Esboço para uma teoria ética em Sartre. Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política, Caruaru, v. 1, n. 1, p. 1 – 21, jul/dez. 2015.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um humanismo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.